



## PREFEITURA MUNICIPAL DE SERTÃOZINHO

ESTADO DE SÃO PAULO

CONCURSO PÚBLICO

### 046. PROVA OBJETIVA

PROFESSOR

(PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA II – HISTÓRIA)

- ◆ Você recebeu sua folha de respostas e este caderno contendo 50 questões objetivas.
- ◆ Confira seus dados impressos na capa deste caderno e na folha de respostas.
- ◆ Quando for permitido abrir o caderno, verifique se está completo ou se apresenta imperfeições. Caso haja algum problema, informe ao fiscal da sala para a devida substituição deste caderno.
- ◆ Leia cuidadosamente todas as questões e escolha a resposta que você considera correta.
- ◆ Marque, na folha de respostas, com caneta de tinta preta, a letra correspondente à alternativa que você escolheu.
- ◆ A duração da prova é de 3 horas, já incluído o tempo para o preenchimento da folha de respostas.
- ◆ Só será permitida a saída definitiva da sala e do prédio após transcorridas 2 horas antes do início da prova.
- ◆ Deverão permanecer em cada uma das salas de prova os 3 últimos candidatos, até que o último deles entregue sua prova e assine o termo respectivo.
- ◆ Ao sair, você entregará ao fiscal a folha de respostas e este caderno.
- ◆ Até que você saia do prédio, todas as proibições e orientações continuam válidas.

**AGUARDE A ORDEM DO FISCAL PARA ABRIR ESTE CADERNO.**

Nome do candidato \_\_\_\_\_

RG \_\_\_\_\_

Inscrição \_\_\_\_\_

Prédio \_\_\_\_\_

Sala \_\_\_\_\_

Carteira \_\_\_\_\_



## CONHECIMENTOS GERAIS

### LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto para responder às questões de números **01** a **03**.

Existem várias formas de preconceito. Uma primeira distinção útil é aquela entre preconceitos individuais e preconceitos coletivos. Neste momento, não estou interessado nos preconceitos individuais, tais como as superstições, as crenças no azar, na maldição, no mau-olhado, que nos induzem a cruzar os dedos e a carregar folhas de arruda, ou a não realizar certas ações, como viajar às sextas-feiras ou sentar-se à mesa em treze pessoas, a buscar apoio em amuletos para afastar o azar ou em talismãs para trazer sorte. Não me interessa por isso porque são crenças mais ou menos inócuas, que não têm a periculosidade social dos preconceitos coletivos.

Chamo de preconceitos coletivos aqueles que são compartilhados por um grupo social inteiro e estão dirigidos a outro grupo social. A periculosidade dos preconceitos coletivos depende do fato de que muitos conflitos entre grupos, que podem até mesmo degenerar na violência, derivam do modo distorcido com que um grupo social julga o outro, gerando incompreensão, rivalidade, inimizade, desprezo ou escárnio. Geralmente, este juízo distorcido é recíproco, e em ambas as partes é tão mais forte quanto mais intensa é a identificação entre os membros individuais e o próprio grupo. A identificação com o próprio grupo faz com que se perceba o outro como diverso, ou mesmo como hostil. Para esta identificação-contraposição contribui precisamente o preconceito, ou seja, o juízo negativo que os membros de um grupo fazem das características do grupo rival.

Os preconceitos de grupo são inumeráveis, mas os dois historicamente mais relevantes e influentes são o preconceito nacional e o preconceito de classe. Não é por outro motivo que os grandes conflitos que marcaram a história da humanidade são os derivados das guerras entre nações ou povos (ou também raças) e da luta de classes. Não há nação que não traga nas costas uma ideia persistente, tenaz e dificilmente modificável da própria identidade, que se apoiaria em sua pretensa e presumida diversidade em relação a todas as outras nações. Há uma grande diferença, às vezes uma oposição, entre o modo como um povo vê a si mesmo e o modo como é visto pelos outros povos; mas, geralmente, ambos os modos são constituídos por ideias fixas, por generalizações superficiais (todos os alemães são prepotentes, todos os italianos são espertalhões etc.), que precisamente por isso são chamadas de “estereótipos”.

(Norberto Bobbio. *Elogio da serenidade e outros escritos morais*, 1998. Adaptado)

- 01.** Em relação ao que classifica como preconceitos individuais, o autor
- (A) defende sua relevância para a compreensão de uma sociedade.
  - (B) apresenta uma crítica contundente ao cultivo de crenças e superstições.
  - (C) argumenta que interferem negativamente nas relações pessoais.
  - (D) sugere que são passíveis de provocar fragmentação social.
  - (E) elucida seu sentido com exemplos de atitudes daqueles que os cultivam.
- 02.** Afirma-se no texto que a intensidade dos preconceitos individuais
- (A) é determinada pela ausência de ações violentas por parte de um grupo em relação a outro.
  - (B) é atenuada à medida que membros de grupos sociais distintos se aproximam e interagem.
  - (C) varia segundo os tipos de conflito existentes entre os membros de um mesmo grupo.
  - (D) está diretamente ligada ao grau de identificação dos indivíduos com o grupo a que pertencem.
  - (E) aumenta à medida que os indivíduos não se veem como parte legítima do próprio grupo social.
- 03.** Nos trechos do 1º parágrafo “Uma primeira **distinção** útil...” e “... são crenças mais ou menos **inócuas**...”, os vocábulos destacados apresentam, respectivamente, como sinônimos:
- (A) constatação e nocivas.
  - (B) diferenciação e inofensivas.
  - (C) diferenciação e benéficas.
  - (D) observação e inofensivas.
  - (E) análise e nocivas.
- 04.** Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada está de acordo com a norma-padrão.
- (A) Se você a **ver** na escola, dê-lhe meu recado.
  - (B) Ontem **mantemos** todos a decisão de não viajar.
  - (C) Os cientistas não **previram** essa quantidade de chuvas.
  - (D) Se todos **virem** aqui amanhã, faremos uma festa linda.
  - (E) O governo **entreviu** a tempo de evitar uma tragédia.

Leia o texto para responder às questões de números **05 a 08**.

A humanidade se divide em dois grupos. Um com bilhões de pessoas, que sabem que o futuro da espécie está fadado a ocorrer aqui na superfície da Terra. O outro grupo, minúsculo, acredita que nosso futuro está em outros planetas, talvez Marte, onde deveríamos estabelecer colônias.

Construir o foguete e pousar em Marte é factível com a tecnologia atual. Mas será que o ser humano aguenta a viagem de meses? Se não aguentar, o plano vai por água abaixo, pois não existe no horizonte engenharia capaz de criar um ser humano adaptado à vida no foguete ou em Marte. A novidade é um estudo que demonstrou que nosso coração já começa a deteriorar com menos de um mês funcionando sem gravidade.

Para esse estudo foram construídos pequenos corações humanos capazes de funcionar fora do corpo. São feitos de tecido cardíaco vivo, ligados a dois pontos de fixação dentro de um aparelho que tem um reservatório de alimentos.

Como o tecido muscular cardíaco está ligado a sensores presentes nos pontos de fixação, a frequência e a força de cada batimento cardíaco podem ser medidas. Tudo em tempo real. O resultado é uma caixa lacrada contendo um pequeno coração vivo.

Os cientistas enviaram para a estação espacial uma dessas caixas e mantiveram outra idêntica na Terra. A única diferença entre as duas é que uma operava na ausência de gravidade e a outra, com gravidade normal. A que foi para o espaço ficou 30 dias sem gravidade e retornou à Terra. Durante esses 30 dias, o funcionamento desses dois pequenos corações pôde ser comparado.

A conclusão é que o coração humano deteriora e envelhece rapidamente na ausência de gravidade. Isso, é claro, se torna um grande risco para viagens que duram meses, como a que pretende levar seres humanos até Marte. Problemas semelhantes ocorrem nos rins dos astronautas e no sistema imune, mas ainda não foram bem estudados. Me parece que resolver esses problemas antes de enviar pessoas a Marte é um desafio mais complicado do que construir os foguetes. E pode atrasar muito, ou mesmo tornar impossível, longas viagens espaciais.

(Fernando Reinach. [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br), 28.10.2024. Adaptado)

**05.** De acordo com as informações do texto, é correto afirmar que o estudo nele mencionado

- (A) prevê a possibilidade de construção de corações artificiais que possibilitem a viagem de humanos a Marte.
- (B) revela que o corpo humano suporta uma viagem ao espaço com duração maior do que 30 dias.
- (C) propõe a realização de novas pesquisas que investiguem o efeito da ausência de gravidade sobre os rins.
- (D) conclui que uma viagem a Marte é atualmente factível apenas para indivíduos que não sofrem de problemas cardíacos.
- (E) apresenta resultados acerca do coração humano desfavoráveis aos anseios dos entusiastas da vida em Marte.

**06.** Há expressão empregada em sentido figurado em:

- (A) O outro grupo, minúsculo, acredita que nosso futuro está em outros planetas... (1º parágrafo)
- (B) Construir o foguete e pousar em Marte é factível com a tecnologia atual. (2º parágrafo)
- (C) Se não aguentar, o plano vai por água abaixo, pois não existe no horizonte... (2º parágrafo)
- (D) Para esse estudo foram construídos pequenos corações humanos capazes de funcionar fora do corpo. (3º parágrafo)
- (E) A única diferença entre as duas é que uma operava na ausência de gravidade... (5º parágrafo)

**07.** Assinale a alternativa em cujo trecho a vírgula marca a omissão de um vocábulo.

- (A) Um com bilhões de pessoas, que sabem que o futuro da espécie está fadado a ocorrer aqui... (1º parágrafo)
- (B) ... talvez Marte, onde deveríamos estabelecer colônias. (1º parágrafo)
- (C) ... está ligado a sensores presentes nos pontos de fixação, a frequência e a força de cada batimento cardíaco podem ser medidas. (4º parágrafo)
- (D) ... uma operava na ausência de gravidade e a outra, com gravidade normal... (5º parágrafo)
- (E) E pode atrasar muito, ou mesmo tornar impossível... (6º parágrafo)

**08.** O trecho do 4º parágrafo “Como o tecido muscular cardíaco está ligado a sensores presentes nos pontos de fixação, a frequência e a força de cada batimento cardíaco podem ser medidas” foi reescrito, preservando o sentido original, em:

- (A) A frequência e a força de cada batimento cardíaco podem ser medidas uma vez que o tecido muscular cardíaco está ligado a sensores presentes nos pontos de fixação.
- (B) A frequência e a força de cada batimento cardíaco podem ser medidas caso o tecido muscular cardíaco esteja ligado a sensores presentes nos pontos de fixação.
- (C) O tecido muscular cardíaco está ligado a sensores presentes nos pontos de fixação, pois a frequência e a força de cada batimento cardíaco podem ser medidas.
- (D) O tecido muscular cardíaco está ligado a sensores presentes nos pontos de fixação, para que a frequência e a força de cada batimento cardíaco podem ser medidas.
- (E) De modo que o tecido muscular esteja ligado a sensores presentes nos pontos de fixação, a frequência e a força de cada batimento cardíaco podem ser medidas.

09. Assinale a alternativa cuja frase está em conformidade com a norma-padrão de concordância verbal.

- (A) Existe ainda hoje riscos desconhecidos relativos à participação de seres humanos em viagens espaciais.
- (B) Fazem décadas que pesquisadores e cientistas se dedicam a conhecer e compreender o universo.
- (C) Realizam-se estudos acerca do comportamento do corpo humano durante uma viagem espacial.
- (D) Nunca houveram tantas pessoas interessadas na possível colonização de outros planetas.
- (E) O experimento dos cientistas contaram com a utilização de corações artificiais.

10. Na neurociência, a relação entre \_\_\_\_\_ manutenção de padrões e a criatividade também é mediada principalmente pelo córtex pré-frontal, que desempenha um papel crucial nas funções executivas e nas tomadas de decisões. Próximo \_\_\_\_\_ essa área do cérebro temos o sistema límbico, relacionado \_\_\_\_\_ decisões mais emocionais e intuitivas. O neocórtex é responsável pelo pensamento crítico e por decisões mais estratégicas. A dinâmica entre esses sistemas é essencial para a resolução criativa de problemas, permitindo que questionemos nossas escolas e desbloqueemos \_\_\_\_\_ capacidade de reconfigurar nosso pensamento e nossas experiências.

(Rubens Bollos. www.nexojournal.com.br . 01.11.2024. Adaptado)

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas.

- (A) a ... a ... às ... a
- (B) a ... à ... à ... a
- (C) à ... a ... às ... à
- (D) a ... à ... às ... à
- (E) à ... a ... à ... a

11. Um dos argumentos centrais do livro de Daniela Auaud (2016) é a diferença proposta entre a escola mista e a coeducação. Na perspectiva da autora, é correto afirmar que a coeducação

- (A) significa juntar fisicamente meninos e meninas nas mesmas classes, garantindo a convivência entre pessoas de sexo masculino e feminino.
- (B) acaba por reforçar o aprendizado da separação, resultando em aprofundamento das desigualdades entre gêneros.
- (C) é concebida como uma política pública que visa transformar as relações de gênero na escola, questionando e reconstruindo ideias sobre o feminino e o masculino.
- (D) pode ser eficazmente implementada em escolas que não sejam mistas, já que suas propostas estão ligadas às competências cognitivas, e não à convivência.
- (E) visa a criação de escolas que sejam verdadeiramente igualitárias e democráticas por meio da supressão do conflituoso conceito de gênero.

12. Sobre as fronteiras entre escola e família, assinale a alternativa correta, de acordo com as reflexões apresentadas por Castro e Regattieri (2009).

- (A) Tem-se visto, historicamente, uma desqualificação do saber acadêmico e uma valorização da educação familiar, o que justifica os crescentes movimentos sociais de redução das jornadas escolares.
- (B) Escola e família deveriam manter um espaço de interseção por estarem incumbidas da formação de um mesmo sujeito, mas, dependendo das circunstâncias, podem se distanciar até a cisão.
- (C) Quando essas fronteiras são reduzidas, gera-se um aumento do insucesso escolar, pois a atuação de pais, de um lado, e professores, do outro, geram conflitos e culpabilização mútua.
- (D) A separação entre escola e família é artificial e danosa, uma vez que idealmente não deveria haver diferenças entre a função educativa sob responsabilidade de uma e de outra.
- (E) A fim de preservar as especificidades da instituição escolar e da instituição familiar, é importante que haja clareza quanto às suas funções para com a criança: ensinar, no caso da escola; e educar, no caso da família.

13. Para Contreras (2002, p.75), “a atuação docente não é um assunto de decisão unilateral do professor ou professora, tão somente, não se pode entender o ensino atendendo apenas os fatores visíveis em sala de aula. O ensino é um jogo de ‘práticas aninhadas’, onde fatores históricos, culturais, sociais, institucionais e trabalhistas tomam parte, junto com os individuais”. Assinale a alternativa que relaciona corretamente esse trecho à noção de autonomia de professores, de acordo com o autor.
- (A) A autonomia docente constitui uma ilusão, uma vez que o seu trabalho sempre ocorrerá em contexto, situado em circunstâncias que conformam a sua profissão.
  - (B) O desejo de autonomia por parte dos professores é conflitante em relação às exigências de sua profissionalidade, já que esta implica submissão aos fatores coletivos.
  - (C) Docentes são simultaneamente veículo dos influxos de fatores diversos e criadores de respostas adaptativas ou críticas a eles, o que exige autonomia.
  - (D) A qualidade na educação só é possível quando são superados os fatores externos que limitam as decisões unilaterais do professor.
  - (E) Ao contrário da autonomia da escola, que fortalece o sistema educacional, a autonomia de professores prejudica as políticas públicas, por ser excessivamente individualista.
14. Paula, professora do Ensino Fundamental, vem desenvolvendo uma prática avaliativa que considera mediadora. Ela tem estudado as obras de Hoffmann para dar conta do conceito da avaliação mediadora de modo consistente. Percebeu, então, que seria necessário repensar sua concepção de “aprendizagem” antes mesmo de propor novos desenhos dos instrumentos de avaliação. Para que seja coerente com a avaliação mediadora, a aprendizagem deveria ser enxergada por Paula como
- (A) descobertas que pressupõem a organização das experiências vividas pelos sujeitos numa compreensão progressiva das noções.
  - (B) processos pautados no diálogo verbal, conduzidos pela formulação adequada de perguntas e registro das respostas.
  - (C) desenvolvimento alcançado pela transmissão clara de conteúdos, acompanhados por exemplos concretos.
  - (D) capacidade adaptativa da criança que, diante de um problema, produz respostas observáveis e mensuráveis.
  - (E) modificações de comportamento que alguém que ensina produz em alguém que aprende.
15. Moran (2004) destaca como importante desafio no planejamento do currículo em face às novas tecnologias, em especial aquelas conectadas à internet,
- (A) o incentivo à escrita manual em detrimento da digital.
  - (B) a gradativa substituição da educação presencial por aquela à distância.
  - (C) a restrição do uso de mecanismos de busca aos ambientes controlados da escola.
  - (D) a separação clara entre o laboratório (conectado) e a sala de aula (offline).
  - (E) a flexibilização de gestão de tempo, espaços e atividades.
16. Uma das mais importantes contribuições de Jean Piaget para as teorias do conhecimento é a sua proposição de estágios de desenvolvimento das estruturas operatórias. É correto afirmar que, de acordo com o autor, uma operação pode ser descrita como
- (A) uma ação interiorizada que modifica o objeto do conhecimento.
  - (B) uma cópia da realidade, produzida na mente através dos sentidos.
  - (C) uma unidade de ação cognitiva, cujo somatório corresponde à inteligência total do sujeito.
  - (D) um movimento corporal independente da intencionalidade mental da criança.
  - (E) um constructo extrínseco, apresentado por uma situação que provoca a aprendizagem.
17. Assinale a alternativa que enuncia um desafio identificado por Resende (1998) quanto à diversidade encontrada na escola pública.
- (A) É preciso superar a noção de interculturalismo, que é uma ação deliberada de intervenção entre as diferentes culturas, sendo seu caráter intervencionista, autoritário e indesejável.
  - (B) Deve-se incorporar o multiculturalismo ao currículo, de forma que sua transversalidade possa perpassar os conteúdos tratados no cotidiano do processo de aprendizagem.
  - (C) É desejável que a escola molde seu projeto político pedagógico sob uma abordagem de educação compensatória, pois a diferença, em uma sociedade multicultural, representa um déficit.
  - (D) Ações de apresentação e respeito à diversidade cultural devem ser esporádicas, para que não ameacem a construção de um projeto nacional e unificador da escola pública.
  - (E) Diante do multiculturalismo, cada escola deve ter a autonomia para escolher seu corpo de estudantes, com a finalidade de minimizar potenciais conflitos culturais e promover a igualdade.

18. Zabala (1998) propõe uma tipologia para discutir os conteúdos trabalhados em um ensino de base construtivista. Entre os tipos de conteúdos, há aquele que inclui “as regras, as técnicas, os métodos, as destrezas ou habilidades, as estratégias [...]” e se concebe como “um conjunto de ações ordenadas e com um fim, quer dizer, dirigidas para a realização de um objetivo”. Trata-se dos conteúdos que o autor denomina de
- (A) cognitivos.
  - (B) procedimentais.
  - (C) atitudinais.
  - (D) factuais.
  - (E) problematizadores.
19. Libâneo, Oliveira e Toschi (2003) destacam o projeto pedagógico-curricular como documento central de gestão da escola. Para um professor que integra o corpo docente de uma escola pública, é fundamental a compreensão de que esse projeto
- (A) é elaborado pela coordenação e deve ser minuciosamente conhecido pelos professores, que o aplicarão no cotidiano das salas de aula.
  - (B) é prerrogativa das redes de ensino, de modo que as escolas devem aderir ao projeto concebido pelas secretarias municipais ou estaduais de ensino.
  - (C) prescinde de diagnósticos realistas da situação, pois suas intenções devem ser ideais, e não concretas ou realistas.
  - (D) tem, no momento de sua formulação, uma dimensão educativa, em que o exercício do trabalho se pode fazer objeto de reflexão e pesquisa.
  - (E) evita o estabelecimento de concepções de currículo e linha pedagógico-didática, para que se favoreçam as condições para o trabalho interdisciplinar.
20. Na perspectiva de Dowbor (2007), uma escola emancipadora é aquela em que
- (A) a educação se circunscreve à sua tarefa de constituir para cada aluno um estoque básico de conhecimentos.
  - (B) o egresso da educação básica se encontra pronto para deixar seu entorno precário e atuar na sociedade e na economia global.
  - (C) são articuladas as necessidades do desenvolvimento local e os conhecimentos correspondentes, assegurando instrumentos de intervenção sobre a realidade.
  - (D) o cotidiano ingenuamente colaborativo dá lugar à competência competitiva, fundamental para a prosperidade e autonomia das comunidades marginalizadas.
  - (E) os vícios da escola rural são gradualmente substituídos pela modernização de uma educação urbana, cosmopolita e crítica.
21. Weisz (2000) destaca a tematização da prática como um trabalho cada vez mais valorizado no contexto da formação continuada do professor.
- Assinale a alternativa que corresponde a princípios da tematização da prática.
- (A) Evita conceitos da psicologia, antropologia, linguística e outras áreas afins, concentrando-se nas contribuições próprias da pedagogia.
  - (B) Estabelece um conjunto de ferramentas validadas empiricamente para o professor adotar em sua prática pedagógica.
  - (C) Demanda a documentação em vídeo das atividades em aula, com a finalidade de assegurar o acesso e a avaliação da coordenação da escola ao que se passa na sala de aula.
  - (D) Torna o professor capaz de desvelar as teorias que guiam a prática pedagógica real que acontece na sala de aula.
  - (E) Toma por objeto o aluno e seu processo de aprendizagem, em vez de focar o professor e suas práticas de ensino.
22. Sobre os princípios do ensino, explicitados na Constituição Federal, consta corretamente em sua formulação nos incisos do artigo 206:
- (A) piso salarial municipal para servidores administrativos e piso salarial estadual para os professores da escola pública.
  - (B) igualdade de condições para o acesso e condições meritocráticas para a permanência na escola.
  - (C) autonomia das escolas públicas e gestão democrática do ensino privado.
  - (D) adesão aos métodos construtivistas de ensino-aprendizagem.
  - (E) garantia de padrão de qualidade.
23. A Lei nº 13.146/2015, que institui o *Estatuto da Pessoa com Deficiência*, trata, em seu capítulo IV, do Direito à Educação. A partir de seu artigo 28, entende-se que o atendimento educacional especializado deve ser
- (A) compreendido como uma política educacional ultrapassada, a ser substituída pelo conceito da escola inclusiva.
  - (B) caracterizado como os serviços prestados exclusivamente por escolas especiais, voltadas a pessoas com deficiência.
  - (C) de responsabilidade de profissionais da saúde, a partir de informações fornecidas pelos professores.
  - (D) institucionalizado pelo projeto pedagógico, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis.
  - (E) compreendido como pesquisas voltadas para o desenvolvimento de novos métodos, de materiais didáticos e de recursos de tecnologia assistiva.

## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

24. O artigo 26 da Lei nº 9.394/96 (*Diretrizes e Bases da Educação Nacional*) trata da elaboração dos currículos na Educação Básica. Sobre a educação digital, conforme previsto no § 11, é correto afirmar que

- (A) será componente curricular do ensino fundamental e do ensino médio.
- (B) integrará atividades extracurriculares, preferencialmente no contraturno.
- (C) constituirá conteúdo obrigatório apenas no ensino médio na modalidade técnica.
- (D) deverá ser incorporada preferencialmente às disciplinas de matemática e ciências.
- (E) tornar-se-á obrigatório na rede pública e facultativo na rede privada de ensino.

25. De acordo com o artigo 32 da Resolução CNE/CEB nº 07/2010 (*Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos*), a avaliação dos alunos deverá

- (A) assumir um caráter somativo e pontual, evitando a tensão que avaliações processuais provocam na criança.
- (B) utilizar prioritariamente a observação e o portfólio como instrumentos, em vez de provas, exercícios e trabalhos individuais ou coletivos.
- (C) ser reconhecida como final e soberana, de modo que esteja imune à discussão ou contestação impetrada pelo aluno ou sua família.
- (D) assegurar que os alunos com menor rendimento tenham condições idênticas de espaço e tempo às dos demais, de forma a se valorizar o mérito.
- (E) fazer prevalecer os aspectos qualitativos da aprendizagem do aluno sobre os quantitativos.

26. O processo de ensino e aprendizagem da História no Ensino Fundamental – Anos Finais está pautado por três procedimentos básicos:

- I. Pela identificação dos eventos considerados importantes na história do Ocidente [...], ordenando-os de forma cronológica e localizando-os no espaço geográfico.
- II. Pelo desenvolvimento das condições necessárias para que os alunos selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos [...].

(BRASIL/Ministério da Educação.  
BNCC – Base Nacional Comum Curricular:  
Ensino Fundamental – História)

O terceiro procedimento básico está relacionado

- (A) ao estudo da mobilidade populacional, com suas diferentes formas de inserção ou marginalização nas sociedades estudadas, com foco nos povos de civilizações culturalmente mais desenvolvidas.
- (B) ao desenvolvimento de competências necessárias ao ofício do historiador, para que, com base na racionalidade eurocêntrica, sejam erigidas as bases necessárias da cidadania ocidental.
- (C) ao reconhecimento de diferentes versões de um mesmo fenômeno, avaliando os argumentos apresentados, com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de proposições próprias.
- (D) à valorização da história nacional republicana, considerando-se o protagonismo de diferentes sujeitos ao longo dos séculos, especialmente aos acontecimentos políticos de maior repercussão para o Brasil.
- (E) ao estudo das formas de registro da História, desde a Idade Antiga até a Idade Contemporânea, inserindo o Brasil na História Universal, a partir das Grandes Navegações, no contexto geral da Idade Moderna.

27. Das figuras políticas é interessante destacar como têm sido representados [nos livros didáticos] os dois imperadores do Brasil: D. Pedro I, sempre jovem, porque afinal morreu com 34 anos; seu filho D. Pedro II, sempre velho, apesar dos textos escolares darem destaque ao episódio da “Maioridade” [...]. A ilustração do pai jovem e do filho velho tem causado uma certa perplexidade aos jovens leitores e falta a explicação do aparente paradoxo.

(Circe M.F. Bittencourt. *Livros didáticos entre textos e imagens*. Em: Circe M.F. Bittencourt (org.). *O saber histórico na sala de aula*)

De acordo com a historiadora, o “aparente paradoxo”

- (A) tem suas raízes no próprio período monárquico, em que a família imperial, desejosa de firmar uma imagem de poder político, sabedoria e valores, propagou a imagem de um imperador, no caso D. Pedro II, mais experiente.
- (B) decorre em razão de as pesquisas e produções historiográficas sobre o período monárquico, pela precariedade tecnológica da época, carecerem de fontes fidedignas de imagens que retratassem o filho em diferentes fases da vida.
- (C) explica-se pelo fato de que a imagem de um D. Pedro II velho foi construída no período pós-monárquico e demonstra a intenção dos republicanos em propagar a imagem da queda de uma monarquia envelhecida.
- (D) está presente nos livros didáticos no século XX, pois, no período, a produção não se ancorava em pesquisas historiográficas com caráter científico, em razão do atendimento às demandas comerciais do mercado.
- (E) é visto hoje como resultado do despreparo dos historiadores do século XX, para o uso de imagens como recurso pedagógico ou como fonte, perpetuando-se o conceito positivista utilizado para documento histórico.

28. Mesmo defendendo a liberdade de escolha no processo didático e nele reconhecendo uma área importante de embates políticos, devemos admitir que um sentido maior deve orientar nossa prática no rumo da sociedade democrática [...]

(Maria de Lourdes Monaco Janotti. *História, política e ensino*. Em: Circe Maria Fernandes Bittencourt (org.). *O saber histórico na sala de aula*)

Para Janotti, a escola pode contribuir com a construção de uma sociedade democrática ao

- (A) considerar que a política é mais importante do que a economia.
- (B) exaltar as trocas culturais harmônicas entre as etnias do país.
- (C) reelaborar o passado brasileiro valorizando os heróis nacionais.
- (D) combater o desprezo do passado da vida pública institucional brasileira.
- (E) reconstruir o passado nacional exaltando as elites políticas.

29. Um dos elementos considerados hoje imprescindíveis ao procedimento histórico em sala de aula é, sem dúvida, o trabalho com as fontes ou documentos. A ampliação da noção de documento e as transformações na sua própria concepção atingiram diretamente o trabalho pedagógico.

A partir das renovações teóricas-metodológicas da História, como das novas concepções pedagógicas, o uso escolar do documento foi ressignificado.

(Maria Auxiliadora Schmidt. *A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula*. Em: Circe Maria Fernandes Bittencourt (org.). *O saber histórico na sala de aula*. Adaptado)

Segundo Schmidt, o uso escolar do documento

- (A) ampliou a observação e a reflexão dos alunos, possibilitando uma visão mais pluralista dos acontecimentos históricos.
- (B) provocou a valorização dos textos oficiais e desvalorização das imagens, principalmente em movimento.
- (C) reforçou a compreensão de que cabe ao documento ilustrar os processos históricos mais importantes.
- (D) restringiu a aprendizagem dos estudantes, pela forte dependência da análise feita pelo professor.
- (E) permitiu que os discentes percebessem com exatidão que existe um único passado a ser reconhecido.

30. A História cronológica, criada no fim do século XIX, tem sido objeto de críticas pela forma linear com que organiza o tempo, de acordo com a ideologia do progresso.

(Circe Maria Fernandes Bittencourt, *Ensino de História: fundamentos e métodos*. Adaptado)

Bittencourt destaca que a citada História cronológica, entre outras críticas,

- (A) impôs como referência de análise histórica as transformações culturais americanas.
- (B) criou uma periodização que pretensamente são válidas para uma “história universal”.
- (C) considerou as nações europeias como dependentes da ciência oriental e africana.
- (D) teorizou o tempo a partir de conceitos desenvolvidos por outras áreas do conhecimento.
- (E) superestimou a contribuição cultural de algumas regiões, como a África subsaariana.

31. A Inconfidência Mineira, abortada entre os anos de 1788 e 1789, era um movimento, ao contrário do que comumente se afirma na historiografia e nos textos didáticos, bastante heterogêneo.

(João Pinto Furtado. *Imaginando a nação: o ensino de história da Inconfidência Mineira na perspectiva da crítica historiográfica*. Em: Lana Mara de Castro Siman e Thais Nívia de Lima e Fonseca (org.). *Inaugurando a História e construindo a nação – discursos e imagens no ensino de História*)

O excerto alude à heterogeneidade do movimento, que pode ser verificada pela

- (A) ausência de inconfidentes proprietários de terras e escravizados.
  - (B) inspiração dos líderes inconfidentes nas ideias absolutistas.
  - (C) falta de punição rigorosa aos rebeldes mineiros.
  - (D) presença de dirigentes portugueses na liderança rebelde.
  - (E) extração social dos agentes e suas motivações econômicas.
32. É comum encontrarmos nos livros das séries iniciais do ensino fundamental capítulos introdutórios sobre as medidas usadas para a localização do tempo, e estas, ao que tudo indica, são ensinadas no início do ano letivo por intermédio de alguns exercícios sobre a contagem dos séculos, com destaque à aprendizagem de algarismos romanos.

(Circe Maria Fernandes Bittencourt. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. Adaptado)

Segundo Bittencourt, a periodização mencionada pelo excerto

- (A) é insuficiente para o entendimento de tempo histórico.
  - (B) possibilita a conceituação rigorosamente o tempo geológico.
  - (C) impede que se compreenda a relação presente-futuro.
  - (D) considera a importância do conceito de micro-história.
  - (E) inibe o reconhecimento da função da história escolar.
33. Uma questão que tem sido debatida é a possibilidade de introdução do *método dialético* no ensino de História e das demais disciplinas escolares.

(Circe Maria Fernandes Bittencourt. *Ensino de História: fundamentos e métodos*)

O método dialético

- (A) oferece a certeza de que existe apenas uma versão do passado.
- (B) revaloriza o conhecimento enciclopédico no trabalho escolar.
- (C) garante a cientificidade do conhecimento histórico.
- (D) confronta teses opostas, possibilitando a elaboração da crítica.
- (E) impõem verdades históricas, como a superioridade cultural.

34. Na primeira metade do século XX, Pedro Bruno (1888-1949) pintou *O Precursor*, interessante quadro que apresenta Tiradentes sendo preparado para a execução. O personagem aparece de pé e enquanto o carrasco, de cabeça baixa, sem olhá-lo, veste-lhe a alva, ele mantém a cabeça erguida, olhos no céu, braços estendidos como em súplica, entregando sua vida à justiça dos homens e de Deus. Um frade, de joelhos diante do herói, apresenta-lhe o crucifixo que o acompanhará até o cadafalso. Essa cena é uma entre muitas leituras sacralizadas do drama vivido pelo alferes inconfidente e que tem seus correspondentes em textos historiográficos sobre a Inconfidência Mineira, nos quais poderia ter se baseado o artista.

(Thais Nívia de Lima e Fonseca. *Ver para compreender: arte, livro didático e a história da nação*. Em: Lana Mara de Castro Siman e Thais Nívia de Lima e Fonseca (org.). *Inaugurando a História e construindo a nação – discursos e imagens no ensino de História*)

O excerto, assim o como o artigo citado, analisam

- (A) o raro e equivocado uso de imagens no trabalho escolar em História.
  - (B) a circulação de imagens entre a historiografia e as artes plásticas.
  - (C) a importante oposição à História Oficial.
  - (D) a dependência dos textos historiográficos em relação às imagens.
  - (E) a produção de imagens sem respaldo no conhecimento histórico.
35. Com raras exceções, mapas, cartas, plantas e atlas geográficos tiveram, ao longo dos séculos XIX e XX, um papel secundário dentre os campos de reflexão do historiador, principalmente do professor de história dos ensinos fundamental e médio.

(Maria Eliza Linhares Borges. *Cartografia, poder e imaginário: cartográfica portuguesa e terras além-mar*. Em: Lana Mara de Castro Siman e Thais Nívia de Lima e Fonseca (org.). *Inaugurando a História e construindo a nação – discursos e imagens no ensino de História*)

No artigo citado, Borges aponta que, em geral, no tratamento dado à cartografia histórica,

- (A) a utilização de mapas do século XVI e dos imediatamente posteriores tem cumprido o papel de somente ilustrar o conteúdo dos textos apresentados.
- (B) os mapas produzidos para o trabalho escolar com a História do Tempo Presente têm substituído os textos escritos e a iconografia.
- (C) os mapas históricos tornaram a principal forma de introdução aos processos históricos clássicos, como as revoluções liberais-burguesas.
- (D) os materiais didáticos mais recentes pouco se utilizam de mapas históricos em razão da sua incompreensão entre os estudantes do Ensino Fundamental.
- (E) o entendimento mais aceito entre os historiadores contemporâneos é que um mapa histórico não pode ser tratado como um documento.

36. O sentimento antilusitano já era expresso mais livremente pelas camadas populares e vai, aos poucos, tornando-se mais explícito entre a elite imperial brasileira. Alguns grupos associavam claramente o que consideravam “atraso” material e cultural do Brasil à administração portuguesa colonial e à permanência de vários traços dela no Império.

A República proclamada em 1889, sedenta de construir-se sobre a incompetência monárquica, intensificou o antilusitanismo ao acrescentar aos antigos dominadores um outro epíteto medonho: assassinos do grande herói nacional, Tiradentes.

O primeiro a levantar-se contra toda essa construção mais imaginária que histórica foi Gilberto Freyre.

(Eduardo França Paiva. *De português a mestiço: o imaginário brasileiro sobre a colonização e sobre o Brasil*. Em: Lana Mara de Castro Siman e Thais Nívia de Lima e Fonseca (org.). *Inaugurando a História e construindo a nação* – discursos e imagens no ensino de História. Adaptado)

Considerando a discussão do excerto, Freyre

- (A) destacou os enormes prejuízos causados pela colonização portuguesa.
- (B) mostrou a pouca importância do Brasil para o colonialismo português.
- (C) comprovou o conservadorismo brasileiro recuperado pela República.
- (D) desconsiderou o papel da colonização para o desenvolvimento do Brasil.
- (E) demonstrou a enorme capacidade de adaptação do colonizador aos trópicos.

37. O uso de música é importante por situar os jovens diante de um meio de comunicação próximo de sua vivência, mediante o qual o professor pode identificar o gosto, a estética da nova geração. Apesar de todas essas vantagens, o uso da música gera algumas questões.

Se existe certa facilidade em usar a música para despertar interesse, um problema se apresenta.

(Circe Maria Fernandes Bittencourt. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. Adaptado)

Bittencourt, no artigo em análise, refere-se ao problema de

- (A) de utilizar produções culturais de pouca qualidade, mas ajustadas aos interesses da indústria cultural.
- (B) de considerar a letra, o arranjo musical e a interpretação da música como documento histórico.
- (C) da impossibilidade da realização de análise efetiva, interna e externa, de um produto cultural.
- (D) de transformar a música em objeto de investigação e aponta para a diferença entre ouvir, ouvi-la e pensá-la.
- (E) da letra de uma canção, ao abordar um tema histórico, não se basear em conhecimento histórico.

38. As monarquias absolutas introduziram os exércitos regulares, uma burocracia permanente, o sistema tributário nacional, a codificação do direito e os primórdios de um mercado unificado. Todas essas características parecem ser eminentemente capitalistas. Uma vez que elas coincidem com o desaparecimento da servidão, uma instituição nuclear do primitivo modo de produção feudal na Europa, as descrições do absolutismo por Marx e Engels como um sistema de Estado correspondente a um equilíbrio entre a burguesia e a nobreza – ou mesmo a uma dominação direta do capital –, sempre pareceram plausíveis. No entanto, um estudo mais detido das estruturas do Estado absolutista no Ocidente invalida inevitavelmente tais juízos.

(Perry Anderson. *Linhagens do Estado absolutista*. Adaptado)

De acordo com Anderson, a estrutura dos Estados absolutistas foi determinada

- (A) pela ascensão da burguesia, que fez do Estado Moderno sua forma de dominação política.
- (B) pela isonomia entre nobres e burgueses, mediados nos seus interesses pelo monarca absoluto.
- (C) pelo reagrupamento feudal contra o campesinato em função da ameaça da inquietação camponesa.
- (D) pela concentração de poderes entre os nobres, que se aliaram aos camponeses contra a burguesia.
- (E) pelo impasse gerado diante do crescimento da importância da burguesia e da decadência da nobreza.

39. A comparação das características gerais do grupo dos Annales com a concepção histórica do marxismo permite notar sem dificuldade numerosos e importantes pontos comuns.

(Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Adaptado)

Entre as características comuns entre o grupo dos Annales e a concepção histórica do marxismo, é possível identificar a

- (A) vinculação da pesquisa histórica com as preocupações do presente.
- (B) defesa de fronteiras rígidas e intransponíveis entre as ciências sociais.
- (C) subordinação das questões econômicas à história das ideias e da cultura.
- (D) crítica à ideia de síntese global que se proponha a explicar uma totalidade.
- (E) afirmação de que a consciência dos sujeitos coincide com a realidade social.

40. Leia parte de uma entrevista com o historiador Peter Burke.

O Renascimento é visto tradicionalmente como parte de uma Grande Narrativa do desenvolvimento da civilização ocidental, desde os gregos e romanos da Antiguidade, passando pelo cristianismo, Renascença, Reforma, revolução científica, Iluminismo, e assim por diante; em outras palavras, como parte do surgimento da modernidade. A história é frequentemente contada de tal modo que se assume a superioridade do Ocidente sobre o resto do mundo. Eu, como outros historiadores, me empenhei em liberar a história de um movimento cultural (o movimento de reviver a arte e o saber clássicos) dos pressupostos de superioridade, não só do Ocidente, como da modernidade.

(Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke.  
*As muitas faces da história – Nove entrevistas*)

O esforço de Peter Burke em descentralizar a história do Renascimento esteve relacionado ao movimento teórico de

- (A) contextualizar as mudanças culturais ocorridas na Europa por meio das inovações artísticas e técnico-científicas do período.
- (B) associar a expansão marítima e comercial europeia dos séculos XV e XVI às transformações culturais e sociais da época.
- (C) vincular o desenvolvimento das manufaturas no sul do continente europeu ao financiamento das artes pelos grandes comerciantes.
- (D) aproximar a Europa de outros renascimentos, como os ocorridos no Império Bizantino, no mundo árabe islâmico e na China.
- (E) discutir o papel dos povos nativos da América e da África na reconfiguração do campo da cultura na Europa renascentista.

41. A matriz do dissenso historiográfico está na caracterização do sistema escravista, tido por alguns como violento e cruel, por outros como brando, benevolente. Quem inicialmente obteve grande repercussão ao difundir essa última concepção foi Gilberto Freyre.

A partir da década de 1950, Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Emília Viotti da Costa passam a produzir teses que divergem diametralmente das de Freyre.

(Suely Robles Reis de Queiróz. *Escravidão negra em debate*.  
Em: Marcos Cezar de Freitas (org.).  
*Historiografia brasileira em perspectiva*. Adaptado)

Para os pensadores que se opunham às ideias de Freyre, a escravidão

- (A) teve a função de disseminar, nas sociedades colonial e imperial, a ideologia de valorização dos escravizados, assim como da miscigenação racial.
  - (B) era pedra basilar no processo de acumulação do capital e a coerção seria a principal forma de controle social do escravizado.
  - (C) permitiu que as ordens sociopolíticas de variados espaços africanos fossem reproduzidas no Brasil e fossem estimadas pela elite escravocrata.
  - (D) possibilitou a rápida e incisiva inserção dos afrodescendentes na sociedade brasileira, principalmente por meio do acesso ao catolicismo.
  - (E) havia sido uma instituição que teve apenas importância durante o longo ciclo da cana de açúcar e o início da produção cafeeira em Minas Gerais.
42. Tinha estreado em livro com *Raízes do Brasil*, em 1936. Tinha publicado *Cobra de Vidro* em 1944 e *Monções* em 1945. Nos anos 1950 lançou *Caminhos e Fronteiras* e *Visão do Paraíso*. Empenhava-se em reconstruir a vida dos colonos, aventureiros anônimos, o sistema do poder político em que viviam, o intercâmbio cultural que mantinham com os índios, no século que se seguiu à chegada de Cabral. Debruçava-se tanto sobre as condições materiais, objetivas, como sobre as aspirações, os mitos, as representações subjetivas que inspiravam os homens em suas ações cotidianas.

(Leandro Konder. *História dos intelectuais nos anos 50*.  
Em: Marcos Cezar de Freitas (org.).  
*Historiografia brasileira em perspectiva*. Adaptado)

O excerto traz referência de

- (A) Raimundo Faoro.
- (B) Francisco Weffort.
- (C) Fernando Novaes.
- (D) Nelson Werneck Sodré.
- (E) Sérgio Buarque de Holanda.

43. Os povos indígenas, tal como os ocidentais, têm uma história, que inclui guerras e migrações, trazendo consigo a redefinição das unidades socioculturais, algumas vezes com a fragmentação e outras com a fusão ou incorporação em unidades maiores. Uma vez que estão situados dentro da história, tais povos passam igualmente por enormes mudanças culturais, que decorrem seja da adaptação a um meio ambiente novo ou modificado (inclusive por suas próprias ações), seja da influência ou troca cultural realizada com povos vizinhos, ou ainda por um dinamismo interno àquelas culturas.

(João Pacheco de Oliveira. *Muita terra para pouco índio?* Uma introdução (crítica) ao indigenismo e à atualização do preconceito. Em: Aracy L. Silva e Luís D.B. Grupioni, (org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*)

No excerto, o autor critica a ideia de que

- (A) os processos de revitalização existentes em muitas sociedades indígenas fazem parte do processo histórico atual.
- (B) a emergência de novos grupos étnicos e de novas identidades pan-indígenas não descaracteriza os povos indígenas como originários.
- (C) a demarcação de terras deve ser priorizada como garantia para a sobrevivência cultural e física dos povos indígenas.
- (D) uma dada coletividade pode se autoidentificar como indígena, sendo indígenas também todos os que são por ela reconhecidos como membros desse grupo.
- (E) os povos indígenas estão necessariamente vinculados ao passado e que devem manter características “primitivas” para serem reconhecidos.

44. Leia um trecho do “Manifesto da Nação Portuguesa aos soberanos e povos da Europa”, promulgado pelos rebeldes do Porto em 1820.

Os portugueses começam a perder as esperanças para com o único recurso e meio de salvação que lhes foi deixado em meio à ruína que quase consumiu sua querida terra natal. A ideia do status de colônia ao qual Portugal tem sido com efeito reduzido, aflige profundamente todos aqueles cidadãos que ainda conservam o sentimento de dignidade nacional. A justiça é administrada a partir do Brasil para os povos leais da Europa, o que implica numa distância de duzentas léguas e excessivo custo e demora.

(Apud Kenneth Maxwell. *Por que o Brasil foi diferente?* O contexto da independência. Em: Carlos Guilherme Mota (org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. Formação: histórias)

O Manifesto revela

- (A) a dependência econômica do Brasil em relação a Portugal, que destinava parte do seu orçamento para a colônia.
  - (B) o descuido da Corte portuguesa com as atividades comerciais do Brasil, porque os monopólios foram extintos.
  - (C) a independência econômica do Brasil, que desempenhava o papel de centro do Império Luso-Brasileiro.
  - (D) a pujança da economia portuguesa, cada vez menos interessada em manter vínculos coloniais com o Brasil.
  - (E) o forte prejuízo político causado ao Brasil, que passou a ser agredido militarmente pelos inimigos de Portugal.
45. Ao longo do século XIX, as elites brasileiras e os escravistas de um modo geral tiveram de enfrentar a resistência dos cativos em cada lugar em que a escravidão floresceu. Essa resistência sugere que o projeto vencedor de um país escravocrata não foi desfrutado sem a contestação dos principais perdedores.
- As rebeliões representaram a mais direta e inequívoca forma de resistência escrava coletiva.
- (João José Reis. *Nos achamos em campo a tratar da liberdade: a resistência negra do Brasil oitocentista*. Em: Carlos Guilherme Mota (org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. Formação: histórias)
- Segundo o historiador, as rebeliões
- (A) provocaram o recrudescimento da ordem escravista ao impor progressivamente a retirada de direitos dos escravizados.
  - (B) eram formas de resistências múltiplas e constantes às explorações econômicas e às sujeições físicas e políticas dos escravizados.
  - (C) revelaram a forte unidade na luta contra o escravismo que existia entre os alforriados, os escravos ladinos e os africanos.
  - (D) foram frequentes nas regiões de agroexportação e preocuparam pouco as autoridades imperiais e os senhores de escravizados.
  - (E) geraram um grande isolamento social dos escravizados em relação aos outros setores da população brasileira.

46. Em seu ensaio, o argentino Domingo Faustino Sarmiento, no afã de entender a Argentina, construiu uma interpretação carregada de ideias, imagens e símbolos, compartilhados, na mesma época, por contemporâneos brasileiros, ocupados com idêntica tarefa de compreender o próprio país. *Facundo* ultrapassou os limites da Argentina para se estender pelo território latino-americano, animando controvérsias e contribuindo para a cristalização de certos estereótipos sobre o continente.

(Maria Lígia Coelho Prado.  
*América Latina no século XIX – Tramas, telas e textos*)

Em sua obra clássica *Facundo*, Sarmiento apresenta seu pensamento sobre

- (A) o processo de modernização econômica latino-americano, dependente da economia britânica.
- (B) a proximidade entre os povos nativos da América e os europeus na formação social latino-americana.
- (C) a escravização de negros de origem africana e as suas contribuições para a cultura latino-americana.
- (D) as independências da América Latina, marcadas pela violência colonial e pela luta revolucionária.
- (E) a oposição entre o campo, lugar da barbárie, e a cidade, lugar do progresso e da civilização.

47. Até aqui discutimos a gênese do feudalismo na Europa Ocidental como síntese de elementos liberados pela dissolução circunstancial dos modos de produção comunais primitivo e escravo; e, então, esboçamos a estrutura constitutiva do modo de produção feudal desenvolvido no Ocidente. Este modo de produção jamais existiu em um estado puro em parte alguma da época medieval.

(Perry Anderson. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*)

Segundo Anderson, o modo de produção feudal jamais existiu em estado puro porque, entre outras razões,

- (A) a doutrina social da Igreja Católica impedia qualquer forma de exploração de trabalho compulsório.
- (B) a existência de servos da gleba foi numericamente reduzida e limitada à península Ibérica.
- (C) os camponeses livres nunca foram totalmente eliminados em lugar algum durante a época medieval.
- (D) a posse fundiária foi desconcentrada e a presença de feudo marcou poucas regiões, como a Inglaterra.
- (E) os direitos senhoriais prevaleceram apenas por um breve período, na transição para o feudalismo.

48. [...] o Renascimento dos séculos XV-XVI recorreu a modelos culturais clássicos, que a Idade Média também conhecera e amara. Aliás, foi em grande parte por meio dela que os renascentistas tomaram contato com a Antiguidade. As características básicas do movimento (individualismo, racionalismo, empirismo, neoplatonismo, humanismo) estavam presentes na cultura ocidental pelo menos desde princípios do século XII. Ou seja, como já se disse muito bem, “embora o Renascimento só invoque a Antiguidade, é, realmente, o filho ingrato da Idade Média” [...].

(Hilário Franco Júnior. *A Idade Média, nascimento do ocidente*)

No excerto, o autor argumenta que

- (A) a oposição entre a Medievalidade e a Modernidade é objeto de divergência no debate historiográfico.
- (B) a Idade Moderna contrapôs-se ao conjunto dos fenômenos culturais da Idade Média ocidental.
- (C) não há continuidade entre a Idade Média e Moderna, em razão das transformações dos modos de produção.
- (D) o protestantismo foi o principal acontecimento que extrapola a continuidade entre o período Medieval e Moderno.
- (E) os Grandes Descobrimentos foram os responsáveis por definir o fim da mentalidade medieval.

49. Nas histórias da colonização, de modo geral, opõe-se o caso de Portugal, com suas feitorias comerciais, ao da Espanha, dotada de um verdadeiro império territorial. A oposição, sem dúvida, pode ter existido, mas falta a verdadeira explicação, pois no Brasil foi de fato um império territorial que os portugueses erigiram.

(Marc Ferro. *História das colonizações: das conquistas às independências, século XIII a XX*)

De acordo com o autor, a “verdadeira explicação”, para que Portugal não tivesse erigido o mesmo império territorial na África, reside no fato de que

- (A) os portugueses não possuíam o mesmo interesse comercial pela África, assim como o que tinham pelo Brasil ou pela Índia - a exemplo das especiarias.
- (B) os povos africanos tiveram capacidade de defesa para resistir ao avanço dos colonizadores - tema que a historiografia europeia se esforçou para suprimir.
- (C) a população portuguesa não era suficiente para possibilitar a colonização de outras regiões, além das Américas, e assegurar os interesses metropolitanos.
- (D) a inexistência de Estados organizados na África dificultou o estabelecimento de bases econômicas que favorecessem a política mercantilista portuguesa.
- (E) Portugal não conseguiu reagir ao avanço de outras potências europeias, tais como a Holanda e a Espanha, que dominaram o comércio com a África.

50. As afinidades entre as ideologias dominantes nas extremidades oriental e ocidental do Eixo são deveras fortes. [...].

Contudo, o fascismo europeu não podia ser reduzido a um feudalismo oriental com uma missão imperial nacional.

Em suma, apesar das semelhanças com o nacional-socialismo alemão (as afinidades com a Itália eram menores), o Japão não era fascista.

(Eric Hobsbawm. *Era dos extremos: O breve século XX: 1914 – 1991*)

Entre as diferenças identificadas pelo autor, que fundamentam o exposto no excerto, está o fato de que, no Japão,

- (A) foram mantidas as estruturas feudais de organização econômica, que impediam o desenvolvimento do capitalismo industrializado.
- (B) não ocorria a propagação de convicções e ideologias que pregavam superioridade e pureza racial, para legitimar ações militares.
- (C) prevalecia um regime monárquico com liberdades civis para a organização de partidos políticos, muitos dos quais ligados a movimentos de esquerda.
- (D) não houve uma mobilização de massas, por meio da emergência de líderes autodesignados, com fins anunciados como revolucionários.
- (E) não existia um poder político suficientemente centralizado, como já era na Alemanha, em razão do poder local e regionalizado dos xogunatos.

